
**A JORNADA DO HERÓI NA LITERATURA
JUVENIL PORTUGUESA E BRASILEIRA:
UMA LEITURA DE *NÃO TE AFASTES*, DE DAVID MACHADO,
E *QUERIDA*, DE LYGIA BOJUNGA**

The hero's journey in Portuguese and Brazilian young-adult literature: a reading of David Machado's *Não te afastes* and Lygia Bojunga's *Querida*

Ana Margarida Ramos ¹

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira ²

RESUMO: Objetiva-se neste artigo refletir sobre os contributos da literatura juvenil na formação do jovem leitor. Para tanto, toma-se como objeto de análise, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Efeito (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), dois romances juvenis aventurecos, *Não te afastes*, do escritor português David Machado (2018), e *Querida*, da escritora brasileira Lygia Bojunga (2009), cujas narrativas exploram, por meio da jornada do herói, a descoberta identitária. A análise comparada das duas obras permite identificar elementos comuns da produção juvenil contemporânea em Portugal e no Brasil, colmatando uma lacuna relevante nos estudos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: A jornada do herói; Formação do Leitor; Estética da Recepção e do Efeito; Romance de formação; Literatura comparada.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to reflect on the contributions of young adult literature in the formation of the young reader. By taking in consideration the theoretical framework of Reception Theory (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), the study analyses two adventurous young adult novels, *Não te afastes*, by the Portuguese writer David Machado (2018), and *Querida*, by the Brazilian writer Lygia Bojunga (2009), whose narratives explore, through the hero's journey, the discovery and the construction of identity. The comparative analysis of the two works allows the identification of common contemporary young adult literature elements in Portugal and Brazil, filling a relevant gap in current studies.

KEYWORDS: Hero's journey; Reader's Formation; Reception theory; Bildungsroman; Comparative literature.

¹ Doutora em Letras e professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade Aveiro, Portugal. Contato: anamargarida@ua.pt.

² Doutora em Letras e professora na graduação, e pós-graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Câmpus de Assis-SP. Contato: eliane.galvao@unesp.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a jornada do herói no romance juvenil aventureiro de temática identitária. Para tanto, elegeu-se como objeto de análise dois romances contemporâneos, marcados pelo hibridismo e diálogo com o leitor, pela inovação na composição narrativa com histórias encaixadas e reflexão metaficcional: *Não te afastes*, do escritor português David Machado (2018), e *Querida*, da escritora brasileira Lygia Bojunga (2009). Nessas análises, pretende-se detectar, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Efeito (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), se essas obras favorecem na ampliação do horizonte de expectativa do leitor em formação. Também, levam-se em conta as tendências contemporâneas da literatura juvenil nos dois países, contribuindo para uma leitura comparada das obras selecionadas, possível em relação à temática da individuação e à abordagem pelo viés da fantasia. Para tanto, buscam-se nesta análise afinidades e homologias entre as obras, seguindo como princípio norteador a ideia de Massaud Moisés (2005) de que essas relações podem ser estudadas. A escolha dessas obras justifica-se pelo caráter renovador da produção literária de seus escritores que exploram temas fraturantes (RAMOS; NAVAS, 2015; RAMOS; VERNON, 2015), como inadequação social, ciúmes, culpa, remorso, medo, carência afetiva, morte, entre outros, os quais tocam intimamente o leitor de qualquer idade, situando suas obras na categoria de literatura de fronteira – *crossover* (BECKETT, 2009; YUNES, 2013; FALCONER, 2009), ou seja, para além de classificações por idade. O conceito de literatura *crossover*, generalizado a partir do fenômeno global deflagrado pelos livros da coleção Harry Potter, de J. K. Rowling, popularizou-se e deu origem tanto à reflexão sobre fronteiras entre literatura juvenil e adulta, como sobre o relevo e impacto das leituras juvenis, em especial, sobre a qualidade literária de textos relegados para a margem ou fronteiras do universo literário.

Constrói-se, neste texto, a hipótese de que a apresentação dessas narrativas sob a forma de romance de formação – *Bildungsroman*³ (MAAS, 1999) – permite ao jovem, que busca definir sua personalidade, identificar-se com a temática e com a proposta narrativa. Além disso, acredita-se que, pelo

³ Wilma Patrícia Mazardi Dinardo Maas (1999), ao estudar a sobrevivência do gênero ao longo do tempo na literatura europeia e brasileira, identifica como traço principal dessa permanência o processo de “formação” ou “aprendizado” do protagonista.

apelo à reflexão, essas obras são emancipatórias e, por considerar seu leitor, estabelecem comunicabilidade, facultando-lhe, assim, prazer na leitura (ISER, 1999). Para a consecução do objetivo, parte-se do pressuposto, conforme Regina Zilberman (1984), de que os polos entre os quais o narrador oscila são o recurso aos comentários ou à afluência de lacunas. A quantidade de um ou de outro indicia o tipo de domínio que exerce sobre o deciframento da história e, por extensão, do leitor implícito (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999). A presença de vazios na narrativa instaura a comunicabilidade; já a predominância de comentários, a autoridade do narrador. Essa autoridade restringe a participação do leitor. Justifica-se, então, a reflexão sobre a comunicabilidade com o leitor nessas obras, a qual convida-o a sair da zona de conforto, para interagir durante a leitura.

David Machado nasceu em Lisboa, em 1978, tem formação acadêmica em Economia e exerceu atividade nessa área durante algum tempo, antes de passar a dedicar-se à literatura integralmente, dividindo a sua produção literária pelo público infantil, juvenil e adulto. Contudo, foi no âmbito da literatura infantil que iniciou a sua atividade literária, marcada pelo prestigiado Prêmio Branquinho da Fonseca/Expresso/Gulbenkian, destinado a jovens criadores, que venceu em 2005, com o conto *A Noite dos Animais Inventados*. O texto seria publicado no ano seguinte, pela Editorial Presença, com ilustrações de Teresa Lima. A sua obra destinada aos pequenos leitores integra narrativas ilustradas, com dimensão variável, incluindo alguns livros suscetíveis de serem enquadrados no âmbito do livro-álbum: *Os Quatro Comandantes da Cama Voadora* (Presença, 2007), com ilustrações de Margarida Botelho; *Um Homem Verde Num Buraco Muito Fundo* (Presença, 2008), com ilustrações de Carla Pott; *O Tubarão Na Banheira* (Presença, 2009), com ilustrações de Paulo Galindro, livro distinguido com o Prémio Autor SPA/RTP 2010, como melhor livro infantojuvenil; *A Mala Assombrada* (Presença, 2011), com ilustrações de João M. P. Lemos; *Parece um pássaro* (APCC, 2014), com ilustrações de Gonçalo Viana; *Acho que posso ajudar* (Objectiva, 2014), com ilustrações de Mafalda Milhões; *Eu Acredito⁴* (Alfaguara, 2015), com ilustrações de Alex Gozblau; *Uma Noite Caiu Uma Estrela* (2015), com ilustrações de Paulo Galindro; *Os livros do rei* (Alfaguara, 2017), com ilustrações de Gonçalo Viana. *Não te afastes*, a sua mais extensa narrativa destinada ao universo juvenil, foi publicado no final de 2018.

No segmento da literatura para adultos, David Machado deu à

⁴ Este volume, profusamente ilustrado e com um texto contido e de acentuado cunho poético, poderá enquadrar-se no formato do livro-álbum lírico. Observe-se, para além do universo metafórico, a compilação, com recurso a repetições e estruturas paralelísticas, das “crenças” do narrador/sujeito poético, numa espécie de enumeração pessoal da sua cosmovisão particular.

estampa os romances *O Fabuloso Teatro do Gigante* (2006), *Deixem Falar as Pedras* (2011), *Índice Médio da Felicidade* (2013) e *Debaixo da Pele* (2017). Os seus livros estão traduzidos para várias línguas e editados em diferentes países, incluindo Itália, França, Marrocos e o Reino Unido, por exemplo. No segmento para crianças, os livros de David Machado, além de referidos nas panorâmicas que vão sendo publicadas sobre a literatura infantojuvenil portuguesa contemporânea, já foram alvo de alguns estudos específicos (SILVA, 2011; PEREIRA; RAMOS, 2013), com destaque para a dissertação de mestrado de Elsa Pereira (2012), incidindo sobre as obras do autor publicadas até esse momento. Pela leitura de seus textos, notam-se as relações que se estabelecem com particular originalidade entre um universo mais realista e outro mais fantasioso, recriando universos reconhecíveis, interseccionados pelo insólito ou pelo maravilhoso, não raras vezes, com efeitos cômicos. A centralidade do ponto de vista infantil, com destaque para uma visão do mundo singular, ainda contaminada pela ingenuidade e pela fantasia, é outra tendência que percorre os seus textos, que se destacam também pelo registro, de onde não estão ausentes as marcas herdadas da tradição oral. O pacto de leitura, subjacente a praticamente todas narrativas de Machado, decorre exatamente deste pressuposto, a transfiguração do real por ação da imaginação, do sonho ou do insólito, mantendo-se a narrativa na fronteira entre o fantástico e o verossímil.

Lygia Bojunga, gaúcha, nascida em 1932 em Pelotas, Rio Grande do Sul, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, ainda criança. Neste Estado, publicou suas obras, a maioria pela Agir; em 1975, *Angélica*; em 1976, *A bolsa Amarela*; em 1978, *A casa da madrinha*; em 1984, *Tchau*; em 1987, *Nós três*; em 1988, *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*; em 1991, *Fazendo Ana Paz*; em 1992, *Paisagem*; em 1995, *Seis vezes Lucas e O abraço*; em 1996, *Feito à mão*; e em 1999, *A cama*. Pela editora Sabiá, em 1972, lançou *Os colegas*. Pela José Olympio, em 1987, publicou *O meu amigo pintor*. Este livro foi escrito originalmente em forma de cartas com o título de *Sete cartas e dois sonhos*, pela Berlendis & Vertechia. Em 1986, foi adaptado para o teatro, recebendo o Prêmio Molière, conferido somente a obras teatrais para adultos. Em 1987, saiu sua primeira edição sob a forma de diário. Bojunga lançou pela Civilização Brasileira, em 1979, *Corda Bamba*; e em 1980, *O sofá estampado*. Pela Salamandra, em 1999, publicou *O Rio e eu*. Em 2002, Lygia criou sua própria editora, a Casa Lygia Bojunga, que passou gradativamente a editar todas as suas obras. A Casa editou como estreia, em 2002, *Retratos de Carolina*; em 2006, *Sapato de salto* e *Aula de inglês*; em 2007, a coletânea *Dos vinte 1*, obra composta por trechos ou capítulos preferidos pela autora, retirados de seus 20 livros publicados até então. Em 2009, lançou *Querida e*, em 2016, *Intramuros*.

Por meio de suas obras, Bojunga tem contribuído, desde a década

de 1970, para a consolidação e o reconhecimento da literatura infantil e juvenil brasileira. Suas narrativas são cativantes para o jovem leitor, pois apresentam-se dotadas de discurso crítico e libertário. Por meio de uma linguagem única, na qual se evidencia a presença da oralidade e do diálogo tanto com o leitor, quanto entre as personagens, suas histórias capturam a atenção do leitor. Além disso, pela mescla entre fantasia e veracidade, seus enredos tratam de temas fraturantes, como trabalho infantil, desamparo da criança, inseguranças que permeiam a formação da identidade, pedofilia, ineficiência do sistema escolar, entre tantos outros, sem assumirem tom judicativo ou moralizante. Sua produção, dotada de valor estético, pela crítica social que expressa, configura-se como denúncia de realidades opressivas e relações assimétricas. Suas obras projetam um leitor implícito inteligente, capaz de se posicionar de forma crítica diante da narração de situações complexas.

Como se pode notar, as obras de Machado (2018) e de Bojunga (2009) exploram a fantasia e a aventura, com a finalidade de tratar da questão identitária. De acordo com Zilberman (1984), tanto a aventura, quanto a fantasia são próprias do livro infantil e juvenil. Ambas acionam o imaginário do leitor, pelo propiciar de peripécias em que o herói resolve seus dilemas pessoais ou sociais. Consequentemente, não é a saída que coloca o herói perante o mundo, mas a sua volta. Dessa forma, se a saída é provocada pelo reconhecimento de uma deficiência simbólica, a chegada, o retorno, coloca o herói perante o mundo. Cabe, então, refletir na análise dos dois romances, como regressam seus heróis, se conseguem superar seus problemas e obter reconhecimento do grupo a que pertencem ou se conformam-se ao meio para o qual regressam, submetendo-se a suas regras de conduta.

ADENTRANDO O LABIRINTO

Não te afastes (2018) e *Querida* (2009) aproximam-se pela aventura e, também, pelo efeito de “estranhamento” que perpassa seus enredos, pela orfandade de seus heróis que, angustiados com a morte do pai, não sabem como, diante da ausência e carência afetiva, seguir adiante em suas relações sociais e familiares, em especial, com a mãe. Esses heróis, por se sentirem prisioneiros no âmbito familiar e social, bem como não vislumbrarem saída para seus problemas, optam pela fuga com a finalidade de alcançar novas alturas, descobrir novos rumos, enfim, fugir de seus labirintos internos. Assim, o medo e a inconstância desses jovens protagonistas, provocados pela falta de maturidade, suscitam-lhes dupla viagem: uma no espaço geográfico, trilhado durante a jornada; outra interna, em que memórias são resgatadas e valores, bem como hipóteses, são

relativizados e reformulados. Trata-se, então, de viagens de construção identitária, de descoberta de si próprios e do mundo à sua volta, o que as aproxima do percurso iniciático dos heróis das *coming-of-age stories*. Essas viagens, realizadas sem a supervisão de um adulto, põem à prova a coragem, a iniciativa e a habilidade dos protagonistas, mas também o seu altruísmo, revelando-se percursos de humanização e de crescimento interior, que aproximam suas obras do *Bildungsroman*.

No romance de Machado (2018), o hibridismo de gêneros textuais revela-se na enunciação dupla que se realiza de forma alternada e marcada de forma distinta, tanto na tipologia gráfica, quanto na temporalidade. Por meio dela, pode-se conhecer o diário do herói, escrito no tempo pretérito em itálico, a partir de suas reminiscências; e o relato presentificado, em terceira pessoa, do narrador heterodiegético. Essa estratégia discursiva permite ao leitor observar as razões que motivaram seu protagonista de 12 anos, Tomás, a fugir da fazenda em que vive com a mãe. Ele parte em direção à casa de um tio que reside na cidade, após deixar uma carta de despedida para ela, pois acredita que é o responsável pela morte do pai. Em sua jornada, constrói a hipótese de que tudo dará certo, mas não encontra o tio em casa e, ainda, se depara com um furacão que assola todo país. Por causa deste infortúnio, quase morre afogado, e de fome e frio. Também, passa por situações complexas em que se vê ameaçado por pessoas que desejam roubá-lo, mas consegue sobreviver. Além disso, em sua jornada, encontra um filhote de rinoceronte, também órfão como ele. O animal, assim como os demais, fugira do zoológico e se perdera, sendo vítima de um homem inescrupuloso que o prendera com a finalidade de vendê-lo a caçadores. Tomás salva esse filhote que, por sua vez, também o socorre em alguns momentos da trama, estabelecendo uma relação de confiança e amizade entre ambos, apesar do efeito de estranhamento. Essa relação é a principal responsável por devolver a Tomás a esperança perdida, a confiança em si próprio e nas suas capacidades, bem como o perdão, libertando-o de uma culpa que lhe tolhe os movimentos e as ações.

A estratégia discursiva do escritor é atraente para o jovem, pois confere-lhe a sensação de que, pela leitura, aciona um poder duplo: conhece os pensamentos mais íntimos e as memórias do narrador-protagonista: “A carta que deixei para a minha mãe em cima da mesa de jantar era curta, umas quatro ou cinco linhas. Tinha três vezes a palavra “desculpa”.” (2018, p.3); e sabe a respeito das peripécias no momento em que o herói também as conhece, pelo relato do narrador: “Um trovão estalou na atmosfera e Tomás assustou-se. A chuva tinha começado a cair no dia anterior e pouco depois viera o vento e era como se a Natureza estivesse zangada.” (p.4). Ao misturar elementos da narrativa de aventuras, ligados ao suspense, ao mistério e às constantes peripécias, que prendem rapidamente o leitor ao fio da história,

com outros do romance de cariz intimista, marcado pelas reflexões interiores assíduas do narrador, o autor constrói um romance que se equilibra entre o eixo da ação e da reflexão, respondendo às expectativas e aos gostos de leitores muito variados. Sublinhe-se, igualmente, como, do ponto de vista peritextual, são diferenciadas ambas as vozes e perspectivas que se cruzam no romance, surgindo o itálico para marcar os fragmentos em primeira pessoa, distinguindo-se dos textos em terceira pessoa, que surgem de forma alternada. Também as pequenas ilustrações em preto e branco que encabeçam cada um dos capítulos variam, surgindo a casa associada ao registro em primeira pessoa do narrador-protagonista e o rinoceronte aos discursos em terceira pessoa. Dessa forma, o leitor, sobretudo o menos experiente, é visualmente alertado para as mudanças narrativas do romance, sendo introduzido em um tipo de narração habitualmente associado ao romance híbrido e fragmentado para adultos.

Na obra de Bojunga (2009), o herói mirim, de quase dez anos, Pollux, também foge de casa e parte em busca de um tio materno, Pacífico, que reside na região serrana do Rio de Janeiro, em Pedro do Rio. Para tanto, ele rouba do álbum de recordações de sua mãe, Iara, a última carta que Pacífico havia enviado à família. Embora a carta não tenha nome do remetente, nem endereço, Pollux deduz, pelo selo, que em alguma parte de Pedro do Rio vivia o tio. O jovem está motivado pelos ciúmes, pois não aceita o fato de sua mãe, após um período de viuvez, ter-se apaixonado novamente e se casado com um diplomata, Roberto. Ele não tolera dividir a atenção da mãe com esse padrasto, nem aceita o fato de que, por causa da profissão dele, precisem se mudar do Rio para a Austrália. Desse modo, foge de casa e busca ajuda do tio, pois acredita que este, pelo amor profundo que também dedicava à mãe – avó materna de Pollux –, se parece com ele e, assim, pode entendê-lo. Por isso, sua meta é morar definitivamente com esse tio, embora saiba que ele não gosta de Iara, sua mãe. Sobre ele, sabe apenas que cozinha bem e aprecia flores, falando inclusive com elas.

O estranhamento se estabelece, pois Pacífico, o mais velho de oito irmãos, sequer conhece o sobrinho, já que se afastara de sua família, quando a irmã mais nova – Iara – era ainda criança, por não suportar o fato de que a mãe morrera no parto desta. Além disso, após alguns anos, apaixonara-se por uma mulher – Ella –, como descreve em sua carta – expressa na íntegra em itálico na narrativa –, e abandonara sua carreira, casa e cidade, para viver ao lado dela em um sítio retirado. Embora não informe em sua carta, essa mulher era uma renomada atriz de teatro que optara por viver reclusa, pois, após fracasso de seu casamento, tentara suicídio, tornando-se incapaz de representar: “*Nos comprometemos a não deixar ecos das nossas vidas passadas chegarem até aqui. Portanto, não darei mais notícias.*” (2009, p.28). Vale notar que Bojunga (2009), assim como Machado (2018),

incorpora outros gêneros textuais na narrativa e utiliza o itálico como estratégia discursiva para indicar a inserção de outra voz no relato. A relação de Pacífico com essa mulher é complexa, pois embora ele trabalhe para ela, assume um pacto que lhe exige viver em isolamento e sem mencionar nada de seu passado. Ele lhe demonstra completa dedicação, sem esperar qualquer reciprocidade.

Em sua jornada, iniciado no dia anterior ao seu aniversário, Pollux conhece na rodoviária um garotinho órfão – Bis, abreviatura de bisneto – e sua bisavó – denominada, apenas, como a Velha. Os epítetos associados às personagens atuam como denúncia social da perda de identidades, pois sua existência social reduz-se à percepção entre ambos, como bisneto e bisavó. Essas personagens são imigrantes decepcionadas com São Paulo, que partem para o Rio. Nesse local, contudo, finda a verba que possuíam, por isso, famintos e desamparados, esmolam por comida e dinheiro com o objetivo de retornarem ao local de origem, o Piauí. Como Pollux tem receio de não lhe venderem a passagem de ônibus, paga uma média com pão e manteiga para os dois, e convence, por meio da dissimulação, a senhora a comprar dois bilhetes para Pedro do Rio, alegando que, dessa forma, ela e seu bisneto estariam mais próximos do Piauí. Por meio dessa estratégia, Pollux chega ao seu destino, mas, com recursos exíguos, abandona seus companheiros na rodoviária e caminha por dez quilômetros, indagando aos transeuntes se conhecem um homem chamado Pacífico e sabem qual é o seu endereço. Após muito esforço e bolhas no pé, o jovem chega ao sítio onde reside o tio. O menino explica a ele que o exótico nome “Pacífico” o ajudara bastante na localização, além do fato de gostar de flores: “Só quando eu disse pr’uma mulher que você era um Pacífico que gostava de flor é que ela disse “aaaaah! Deve ser o tal homem das orquídeas”... e me ensinou como é que eu chegava até aqui.” (p.59). Nesse local, Pollux permanece por dois dias. Se a princípio, o leitor imagina que, somente, o tio será o auxiliar da criança, levando-a elaborar suas emoções, pelos diálogos entre ambos, percebe que o menino auxilia esse tio a (re)ver seus sentimentos pela irmã Iara, e em especial, por Ella.

O diálogo entre ambos, a princípio de desconfiança por parte de Pacífico, que nota o tom dramático e exagerado de Pollux, ao afirmar ser vítima do padrasto que anseio matá-lo para ter a esposa somente para si, apresenta momentos cômicos e singelos, pois revela a ingenuidade da criança que se trai em suas mentiras. Também, sua capacidade criativa para engendrar histórias absurdas, o que leva o tio a antecipar o futuro do sobrinho, afirmando que poderia ser escritor um dia. Apesar das dissimulações de Pollux, a conversa entre ele e Pacífico atua como fonte de descobertas identitárias para ambos, pois percebem semelhanças comportamentais entre si, já que se utilizam do mesmo vocábulo – “querida”

– ao se dirigirem às suas mães, o que justifica o título do livro. Assim, Pacífico, diante dessas revelações e das angústias do sobrinho a que acolhe e alimenta, projeta-se nele, pois reconhece nas emoções do menino o mesmo sentimento de possessividade, que sentia na juventude em seu relacionamento com a mãe.

Justamente porque se importa com o garoto, o tio pede ajuda à Ella para conscientizá-lo sobre suas emoções. Em seu papel como auxiliar, essa mulher encena, utilizando-se de máscaras – o que justifica a ilustração de uma delas na capa do livro –, uma breve peça, na qual se transforma drasticamente de jovem, bela e enigmática – mensageira da existência de uma estrela, na qual o pai de Pollux habita e de onde tudo vê –, em uma mulher velha, aterradora e feia, pois transfigurada em um sentimento ancestral: o Ciúmes. Por meio da arte dramática que causa sobressalto em Pollux, mas também reflexão, ele compreende seus sentimentos, sente saudades de casa e atinge a iluminação, pois reconhece que o padrasto sempre buscara cativá-lo, visando alcançar uma relação familiar mais autêntica. Finalmente, Pacífico por ter sido altruísta e pedido ajuda à mulher amada para conscientizar o sobrinho de suas emoções, consegue superar suas limitações e, também, ser correspondido por ela. Por sua vez, Ella também se liberta de seus medos e sentimentos opressivos, pois utiliza-se de forma competente da sua arte, como meio de emancipação do próximo.

Vale destacar que, também, Bis e a Velha assistem à performance. Pacífico, ao saber da existência de ambos pelo relato de Pollux, resgata-os do frio da rodoviária, convidando-os para um banquete que prepara para o aniversário do sobrinho. Assim, alimenta-os e os acolhe, com a finalidade de consertar o equívoco que Pollux cometera ao abandoná-los. Pollux, por causa do desconforto que sente com a presença de ambos, pode rever suas atitudes e reconhecer nos gestos do tio bondade e humanidade, pois este fornece a Bis e à Velha passagens e dinheiro, que lhes permitem chegar ao Piauí. Faz-se necessário destacar o caráter simbólico da peça representada no dia do aniversário de Pollux, indicando que a arte em suas manifestações diversas favorece a renascimentos, redescobertas e libertações.

O romance de Bojunga (2009) aproxima-se da obra de Machado (2018), pelo tema da fuga, do conflito existencial de seu herói, da dupla enunciação no início do relato e do caráter de denúncia social das relações assimétricas em sociedade. Iniciado em *ultimas res*, *Querida* (2009) apresenta um prólogo em primeira pessoa, no qual o protagonista Pollux, já adulto, relata que, ao ler o jornal, reconheceu, pela foto de um obituário, uma enigmática mulher que conhecera na infância, há 20 anos, Ella: “Meu coração batia forte. Eu estava assustado. Não conseguia mais lembrar da maneira como tinha sempre lembrado os dois dias tão intensos que passei na casa dela” (p.10). Tratava-se de uma atriz de teatro famosa que se tornara reclusa,

após uma tentativa de suicídio. Seu tio, um *Chef* renomado, apaixonado em segredo por essa mulher, abandonara a profissão, ao ser contratado por ela. Assim, dedicava-se a servi-la, residindo em sua propriedade. Todo relato seguinte é narrado em terceira pessoa com a finalidade de justificar o sobressalto com a foto do obituário, bem como desvendar tanto os segredos do herói mirim, quanto os de seu tio: “O menino parou em frente ao portão gradeado. Tinha custado a encontrar a casa; estava cansado. Procurou uma campainha; só viu um sino; tocou” (p.13).

EM BUSCA DE SAÍDA

A viagem promove uma vivência episódica, por meio dela podem-se estabelecer novas relações com desconhecidos, as quais levam o sujeito a reavaliar as relações de amizade e familiares já consolidadas que o constituem. Durante a jornada, há um movimento constante que requer renovação e brevidade na estadia, a fim de suprir a falta que existe no homem. Enquanto tema transversal da literatura, de forte ressonância simbólica, a viagem constitui um percurso que, além de físico, é também interior, surgindo ligado ao próprio processo de crescimento e de amadurecimento. No caso dos heróis dos romances analisados, as viagens e os percursos realizados num momento crucial da existência humana, o da passagem da infância para a adolescência, atribui-lhes um significado bem mais alargado do que as simples (mesmo se longas e conturbadas) deslocamentos físicos, ocorridas em um espaço de tempo relativamente curto. Trata-se, sobretudo, de viagens e de percursos claramente iniciáticos, reveladores do processo de crescimento e de amadurecimento dos protagonistas, sendo, por isso, necessariamente realizados de forma solitária e sofrida. No final das viagens, ambos os rapazes não são já exatamente os mesmos que as iniciaram: o processo de autoanálise conduz paulatinamente à aceitação das suas limitações, fragilidades e erros, promovendo, em última instância, perdão e redenção final. Nessa medida, os romances não andam longe das *coming-of-age stories*, fórmula narrativa habitualmente associada ao universo juvenil e mesmo *crossover* (BECKETT, 2009; FALCONER, 2009; YUNES, 2013).

Nos dois romances, pode-se observar uma estrutura constante em suas narrativas: o entrecruzamento de caminhos aparentemente sem saída, tanto para seus heróis, quanto para seus comparsas. Esse entrecruzamento revela o arquétipo⁵ de labirinto (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999;

⁵ Trata-se de um modelo de pensamento e ação preexistente na alma humana, descoberto e estudado por Jung, como componente do inconsciente coletivo, ou seja, de estruturas psíquicas
Miscelânea, Assis, v. 26, p. 15-30, jul.-dez. 2019. ISSN 1984-2899 24

CAMPBELL, 2000), que sustenta essas narrativas, o qual, por sua vez, conota o desejo do ser humano de realizar uma expedição em direção a si mesmo. Nessa expedição tão complexa, os caminhos entrecruzados constituem impasses que só serão resolvidos se o herói, por meio de uma espécie de viagem de iniciação, atingir o centro do labirinto, depois de longos desvios ou de uma intensa concentração até esta intuição final em que tudo se simplifica por uma espécie de iluminação. Nesse centro reencontra a unidade perdida do ser que se dispersara na multidão dos desejos. Para tanto, ele deve se mostrar qualificado, competente. Uma vez dotado desse poder, o eleito chega ao centro do mundo, ou seja, ao símbolo desse centro. Quanto mais difícil a viagem e mais numerosos, e árduos os obstáculos, mais o adepto se transforma e, no curso dessa iniciação itinerante, adquire um novo ser. Para o jovem leitor, por sua vez, as provações do herói revelam-se cativantes, pois requerem peripécias que o prendem à leitura pelo suspense, pelo risco de morte, enfim, pela aventura.

Conforme Joseph Campbell (2000), a jornada do herói sofre poucas variações no plano essencial, pois a procura é geralmente motivada por uma deficiência simbólica, e aquilo que é revelado sempre estivera presente no coração do herói. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1999), a origem simbólica do labirinto é o palácio cretense de Minos, onde estava encerrado o Minotauro e de onde Teseu só conseguiu sair com a ajuda do fio de Ariadne. O labirinto proporciona ao aventureiro concentrar-se em si mesmo. Posto em meio aos inúmeros rumos das sensações, das emoções e das ideias, ele tem a possibilidade de eliminar todo obstáculo que favorece à escuridão e voltar à luz sem se deixar prender nos desvios das veredas. A ida e a volta no labirinto representam respectivamente a morte e a ressurreição. Desse modo, regressar vivo desses espaços representa a superação da morte, o renascimento. Graças a este, os protagonistas podem rever seus conceitos e se (re)descobrirem como capazes de retornar à sociedade a que pertencem, sendo reconhecidos por ela como competentes, pois sobreviveram à jornada.

Nas obras de Machado (2018) e Bojunga (2009), a viagem ficcional também acontece na materialidade narrativa, pois a escrita assume ritmos diferentes para significar a intriga. O relato, por vezes, alterna-se, assim, ora demora-se na constituição textual, ora transporta com celeridade os acontecimentos e também o leitor. A linguagem igualmente é lugar fluído e leve, usado como recurso para destituir o peso da mensagem. Cabe ao leitor dessas obras buscar entender o que seus heróis ignoram, confiando somente em sua própria capacidade de percepção e desconfiando dos discursos apresentados na narrativa. Ao realizar a jornada com esses heróis, o leitor,

quase universais que se exprimem, por meio de uma linguagem simbólica de elevado alcance, unindo o individual ao universal (COELHO, 2005).

como eles, revê seus conceitos prévios e amplia seu horizonte de expectativa (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999) em relação às relações humanas em sociedade; e ao papel do narrador como controlador do universo diegético, detentor da verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os romances em análise partilham muitas características da literatura juvenil contemporânea, apresentando-se com tendências globais próprias deste subsistema literário (COLOMER, 1998; KOSS, 2009; KOSS; TEALE, 2009), das quais se destacam: introdução de temáticas fraturantes e desafiadoras, às vezes perturbadoras e polêmicas, como é o caso da morte, da violência, da complexidade nas relações humanas ou do sofrimento; recriação de universos centrados nas vivências juvenis, debatendo questões identitárias, próprias do crescimento, e em contextos específicos, como a casa e a família, promovendo o reconhecimento e a identificação dos leitores com ambientes e situações retratadas; relevo da focalização interna, subjetiva e intimista, que pode ser conjugada com pontos de vista alternativos, através da introdução de múltiplas vozes e perspectivas narrativas alternadas, às vezes de ressonância polifônica; opção por narrativas cronologicamente não lineares, com manipulações ao nível do tempo do discurso, exigindo leitores capazes de reconstituírem sequências cronológicas com base em fragmentos ou episódios; hibridez genológica, com a inclusão no romance de linguagens e textos de diferentes tipos, como o diário, as memórias, mas também o discurso epistolar ou a narrativa de aventuras; crescente valorização da metaficcionalidade; e investimento na componente gráfica do livro, entre outros.

Sem pretensões de esgotar os romances selecionados, propiciadores de outras perspectivas de análise e até de cruzamentos comparativos, destacamos ainda aspectos passíveis de aproximação dos textos, sobretudo tendo em conta a forma como espelham as tendências anteriormente elencadas, um conjunto de notas finais que espelham a riqueza das obras em análise, capazes de colaborarem na formação de leitores competentes e críticos, instigados por propostas literárias desafiadoras. Nesse sentido, o que se coloca em conflito nas obras, como destaca João Alexandre Barbosa, “não é a realidade como matéria da literatura, mas a maneira de articulá-la no espaço da linguagem, que é o espaço/tempo do texto” (1983, p.22-23). Assim, merece destaque que as obras estejam centradas em percursos individuais, mais ou menos solitários, que haja presença de temas e motivos, os quais revelam uma atenção e preocupação com problemas sociais mais alargados, possibilitando a abertura dos horizontes de leitores e a sua

atenção a questões mais abrangentes. É o caso, em *Não te afastes* (2018), da problemática ecológica e ambiental, e em *Querida* (2009), da questão da pobreza, dos sem teto e do êxodo geográfico em busca de melhores condições de vida. Trata-se de referências que, não sendo centrais nas obras, nem surgindo envolvidas num discurso moralizador ou panfletário, são reveladoras da dimensão socialmente comprometida e interventiva dos seus autores.

No caso de David Machado (2018), a questão ecológica é recriada holisticamente, estando patente, desde logo, na oposição entre cidade e campo, vistos como universos separados, quase em conflito, mas também a relação do homem com a natureza, explorando-a até aos limites em seu proveito, visível no tratamento dado aos animais selvagens em cativeiro, ou libertos para serem caçados por gente rica, mas também na descrição da violência do furacão, como fenômeno extremo resultante das alterações climáticas, e das suas consequências para os animais e para as pessoas. O cenário quase apocalíptico vivido por Tomás, no qual à fúria dos elementos naturais se soma a violência das pessoas (o assédio do homem embriagado, o roubo do celular pelos adolescentes, a violência e as agressões do tratador do rinoceronte, entre outras), é uma espécie de vislumbre da humanidade quando exposta a situações extremas, revelando o melhor ou o pior de si mesma. Esse acontecimento extremo também se transforma em momento-chave da história e da própria personagem, aguçando até ao limite o instinto de sobrevivência, o que, aliás, o aproxima – e irmana – do próprio animal selvagem com quem passa a partilhar a aventura a partir de certo momento. Em *Querida* (2009), a questão da denúncia das condições sociais indignas e injustas dos mais desfavorecidos está sobretudo figurada nas personagens Bis e a Velha, em uma espécie de contraponto social em relação ao universo social e economicamente privilegiado do protagonista e de seu tio. A sua presença constante, em segundo plano, ao longo da narrativa, parece chamar a atenção do protagonista – mas também do leitor –, para a necessidade de pôr em perspectiva os seus problemas pessoais, alertando para outras realidades.

Veja-se, ainda, como perante a desigualdade social, a injustiça ou o sofrimento alheios, os heróis, movidos por razões várias, decidem atuar e intervir, como acontece com Tomás em relação ao rinoceronte, mas também em relação à criança presa nos escombros, ou com Pollux em relação a Bis e à Velha, para quem entrega todo dinheiro que possui, a fim de que comprem alimentos. Esta questão do altruísmo é particularmente relevante quando falamos de narrativas tão focadas nos dilemas íntimos das personagens, que facilmente podem resvalar para o ensimesmamento adolescente. A promoção da empatia, assim como o alargamento dos horizontes dos leitores (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999) estão, assim, subjacentes, de forma implícita, a

ambos os textos. Em última instância, ambos romances reforçam a mensagem de que a vida de cada ser humano está enredada na de outros seres, mais próximos ou mais distantes, pelo que todas as ações realizadas têm impacto e consequências no mundo à volta. Esta é, aliás, a grande aprendizagem de Pollux e Tomás durante os seus percursos, na tentativa de perceber as relações de causa/efeito entre os acontecimentos. Assim, as obras parecem explicar, em primeiro lugar, não só a compreensão do mundo dos protagonistas, como definir suas ações, uma vez que compreendem o impacto, junto dos outros, das decisões tomadas. O poder regenerador e redentor da amizade, como acontece entre Tomás e o rinoceronte ou entre Pollux e Pacífico, parece superar todas as agruras e obstáculos, sarando as feridas pessoais e aliviando também as dores do crescimento.

Esta leitura comparada das obras de David Machado e Lygia Bojunga também sublinha, em uma dimensão mais abrangente, a existência de afinidades entre as produções literárias portuguesas e brasileiras para jovens, insistindo na necessidade de alargar e aprofundar este tipo de estudos. Na esteira das propostas de Ana Margarida Ramos e Diana Navas (2016), pretendeu-se incentivar o diálogo entre literaturas que, pese embora a língua comum partilhada, ainda continuam de costas voltadas, inacessíveis aos leitores e aos críticos e estudiosos do país irmão. Com algumas, muito poucas, exceções, a divulgação da produção juvenil contemporânea brasileira em Portugal e da portuguesa no Brasil continua por realizar, privando os leitores do conhecimento de obras de assinalável qualidade estético-literária, indispensáveis para a sua formação como leitores de literatura em língua portuguesa e constituição de sua *biblioteca vivida* (FERREIRA, 2009). O investimento já iniciado na publicação e promoção de obras portuguesas no Brasil precisa ser alargado e acompanhado de um investimento semelhante em sentido contrário. A realização deste estudo também visa, em última instância, a contribuir para essa aproximação entre literaturas e leitores para além de fronteiras geográficas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, João Alexandre. *A modernidade no romance*. São Paulo: LR Editores, 1983.

BECKETT, Sandra. *Crossover Fiction: global and historical perspectives*. New York/London: Routledge, 2009.

BOJUNGA, Lygia. *Querida*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Trad. Adail U. Sobral. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Colab. de André Barault et al., coord. Carlos Sussekind, trad. Vera da Costa e Silva et al. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. O fenômeno Harry Potter e o nosso tempo em mutação. In: RETENMAIER, Miguel; JACOBY, Sissa (orgs.). *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UPF, 2005, p. 53-66.

COLOMER, Teresa. *La formación del lector literario. Narrativa infantil y juvenil actual*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998.

FALCONER, Rachel. *The crossover novel: contemporary children's fiction and its readership*. New York: Routledge, 2009.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. *Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida*. Assis, 2009. 456p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KOSS, Melanie D. “Young Adult Novels with Multiple Narrative Perspectives: The Changing Nature of YA Literature”, *The ALAN Review*, n. 36(3), p. 73-80, 2009.

KOSS, Melanie D.; TEALE, William H. “What’s Happening in YA Literature? Trends in Books for Adolescents.” *Journal of Adolescent and Adult Literacy*, n. 52(7), p. 563-572, 2009.

MAAS, Wilma Patrícia Mazardi Dinardo. Formação feminista e formação
Miscelânea, Assis, v. 26, p. 15-30, jul.-dez. 2019. ISSN 1984-2899 29

proletária: o Bildungsroman no Brasil. In: *Pandaemonium Germanicum*, n. 31, p.65-83, jan-jun 1999.

MACHADO, David. *Não te afastes*. Alfragide: Editorial Caminho, 2018.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa – II*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

PEREIRA, Elsa Maria dos Santos. *David Machado: um passaporte para o sonho*. Aveiro, 2012. Dissertação de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas. Universidade de Aveiro.

PEREIRA, Elsa Santos; RAMOS, Ana Margarida. “Variações oníricas na literatura para infância portuguesa contemporânea: o caso de David Machado”. *Agália*, n. 108, p. 177-189, 2013.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. *Literatura Juvenil dos Dois Lados do Atlântico*. Porto: Tropelias & Companhia, 2016.

_____. Narrativas juvenis: o fenómeno crossover nas literaturas portuguesa e brasileira. In: *Elos: Revista de Literatura Infantil e Xuvenil*, n.2, p. 233-256, 2015.

RAMOS, Ana Margarida; VERNON, Richard. “Das dores de crescimento à dor de existir: representações literárias de adolescências feridas”. *Acta Scientiarum Language And Culture*, n. 37(3), p. 287-295, 2015.

SILVA, Sara Reis da. “As ‘invenções’ de David Machado: uma leitura das suas narrativas vocacionadas para a infância”. *Solta Palavra*, n. 17(1), p. 18-22, 2011.

YUNES, Eliana. Literatura de fronteira: um caso sem ocaso (ou a escritura de Bartolomeu Campos de Queirós). *Revista Textura*, Canoas, n. 29, p. 123-131, set./dez. 2013.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. Cadermatori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1984, p.61-134(1).

Data de recebimento: 15 jun. 2019

Data de aprovação: 10 set. 2019